

Trabalho científico em Portugal: *Excelência* e precariedade

Ana Ferreira, CICS.NOVA | NOVA FCSH

Departamento de Ensino Superior e Investigação da FENPROF

Crescimento

Melhoria das condições laborais

Falta de acesso à carreira de investigação

21573 novos doutorados (2011-2020)

6116 docentes e investigadores com contrato de trabalho

2964 investigadores com contrato de trabalho

172 investigadores contratados a tempo indeterminado ou sem termo

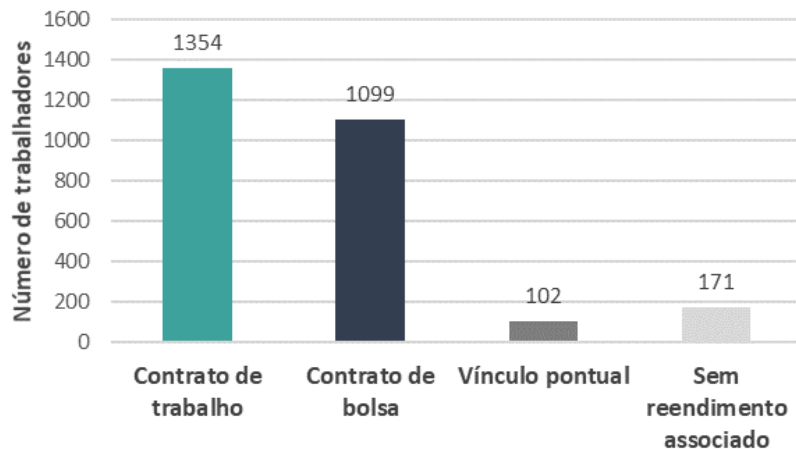


Quem são estes trabalhadores precarizados

Quais as suas trajetórias laborais e que atividades desenvolvem

Quais as suas vivências subjectivas do trabalho científico e da precariedade

Questionário a trabalhadores científicos sem vínculo laboral estável



*“Fui **bolseira de pós-doutoramento** por três anos e na primeira oportunidade consegui **contrato como investigador FCT**. Ao fim de 5 anos de contrato vejo-me na **situação de desemprego**”*

*“Estive **desempregada** de abril a setembro de 2019. De momento **estou contratada por uma bolsa de pós-doutoramento** e fui uma das felizes **contempladas no CEEC**.”*

Inquérito online: Dezembro 2019 – Fevereiro 2020

2726 respostas validadas

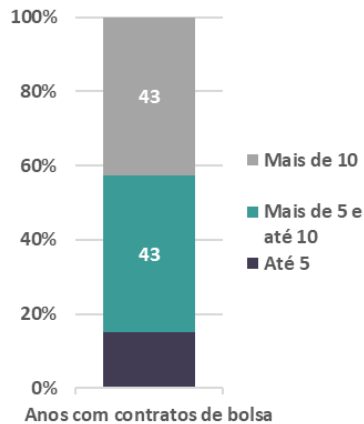
Análise quantitativa e qualitativa

Perfil socio-biográfico: 64% mulheres; média 38 anos de idade; 46% com filhos; ISF= 0,70

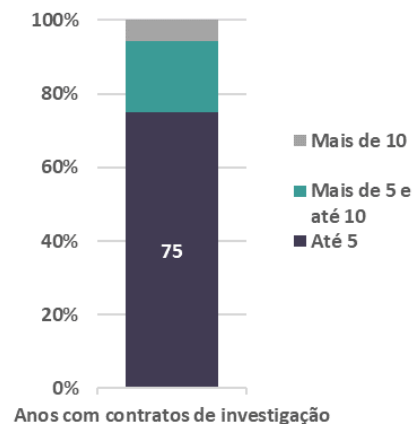
Investigadores com contrato a termo (n=1053)

1. Longa duração e alternância entre diferentes precariedades e períodos sem remuneração

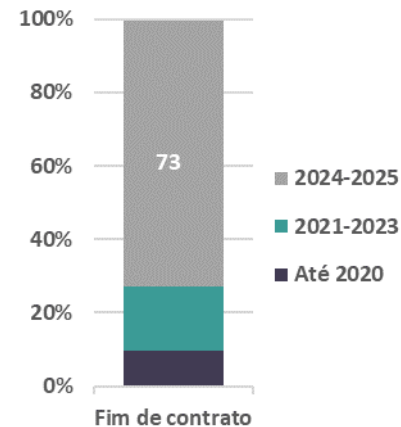
-Trajetórias laborais-



n=964
Não Responde=89



n=839
Não Responde= 214



n=1017
Não Responde= 36

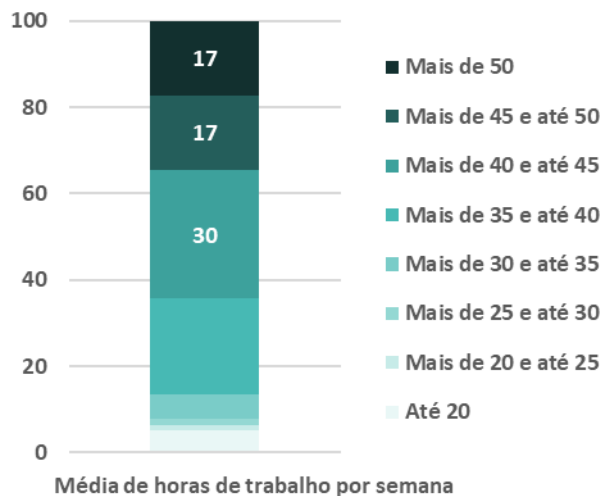
*Júnior (68,2%);
Auxiliar (25,5%);
Principal (6,3%);
Coordenador (0,2%)*

Perfil socio-biográfico: 63% mulheres; média 41 anos de idade; 61% com filhos; ISF= 1,02

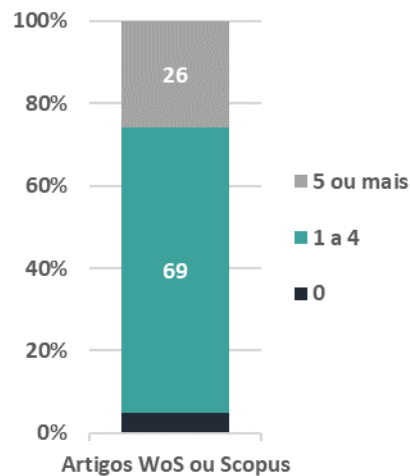
Dependências de redes familiares ou outras | Vergonha de dependências presentes ou futuras

“felizmente o meu marido sempre teve uma situação estável o que também me permitiu fazer a escolha que fiz até hoje”
“Sinto-me envergonhada junto da minha família por estar sempre em risco de ficar ou ficar efetivamente desempregada”

2. Longas jornadas de trabalho e “excelência” - Trajetórias laborais-

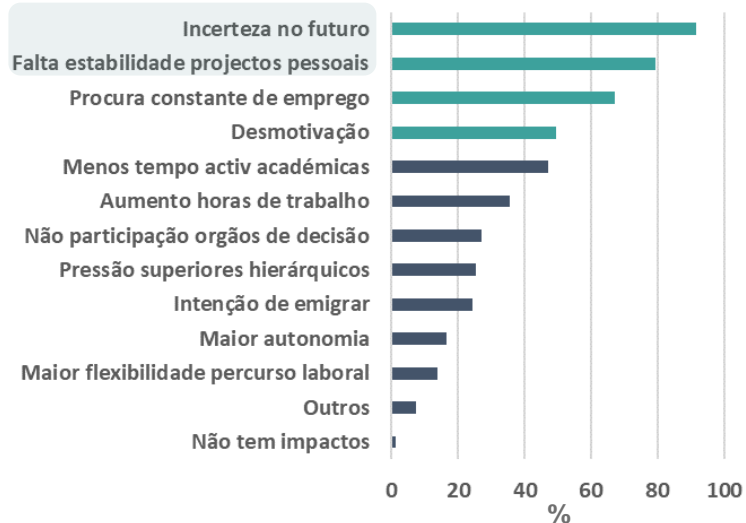


n=1045
Não Responde=8



n=938
Não responde=115

3. Projetos de vida suspensos - Impactos da precarização -



n= 1053
Não Responde= 0

TRAJECTÓRIAS DE VIDA

n=468

“Vida suspensa sem estabilidade”

“Não vejo futuro no caminho que percorro”

“adiar a maternidade”

4. Trabalho: Pressões, limitações à liberdade académica, dependência e desvalorização

- Impactos da precarização -



n= 1053
Não Responde= 0

TRABALHO E SENTIMENTO DE DESVALORIZAÇÃO

n=468

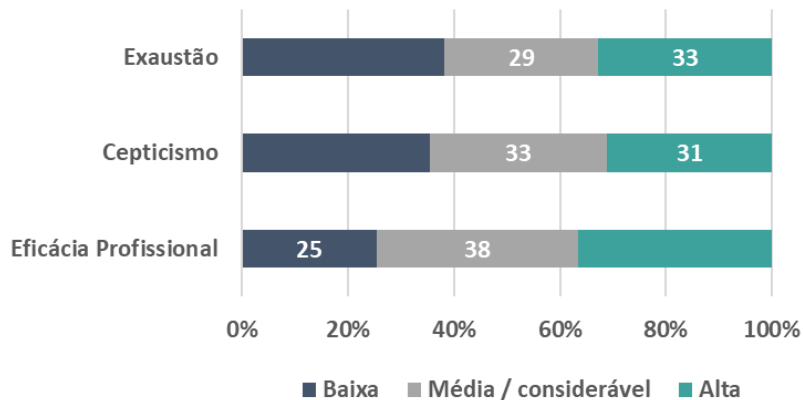
“limitação de Independência intelectual; Limitação no desenvolvimento projetos mais inovadores que requerem tempo e maturação de ideias; Pressão de publicar o que reduz qualidade científica”

“Dependência do poder decisório de superiores na gestão da carreira e trabalho”

“Afinal gostam de nós quando trazemos dinheiro, ou damos aulas de graça, ou orientamos alunos, desde que não sejam (...) responsáveis pela nossa subsistência”

“Uma das razões mais desmotivantes para mim foi o facto de **trabalhar há quase 20 anos na mesma instituição e este ano ter recebido o relatório do PREVPAP em que esta instituição nega qualquer vínculo comigo**. Apesar de esperado, foi realmente um **golpe muito duro**”

5. *Burnout* profissional (agravado com debilidade do vínculo) - Impactos da precarização -



n=1028-1032; Não responde=21-25

ACP: 3 componentes; 64% da variância; KMO = 0,87; Teste de esfericidade de Bartlett: $\chi^2(120) = 8879,01$, $p < 0.001$
Maslach Burnout Inventory, MBI-GS, Wilmar Schaufeli, Michael Leiter, Christina Maslach & Susan E. Jackson

STRESS E FADIGA

n=468

“Angústia sobre como vou sustentar o meu filho quando o meu contrato acabar.”

“gradual falta de entusiasmo para todas as esferas da vida”

“medo constante de falhar às candidaturas”

“ansiedade constante (como ruído de fundo)”

“Desespero”

6. “Paixão pela ciência”

- *Trajetórias de precarização como o “único caminho”-*

AMBIVALÊNCIAS DA CULTURA CIENTÍFICA

n=468

“Sinto um forte desânimo em relação à carreira de investigação que escolhi **por não conseguir ter estabilidade** a longo prazo em Portugal (...) além disso **sinto muito desalento em relação às tutelas (Universidade ou FCT) e à forma como têm gerido e à falta de apoio que dão às carreiras dos investigadores; estas condições não correspondem ao trabalho que desenvolvo nem aos resultados que tenho. Mas não estou desmotivada em relação ao trabalho de investigadora que desenvolvo.**”

“Na última visita da Comissão de Avaliação aos centros de investigação (...) um dos avaliadores perguntou “Gostam daquilo que fazem?”. Só me ocorreu **“Com estas condições e com este historial de sacrifício, só chega a este ponto quem sobreviveu e sobrevive graças à enorme paixão que se tem pelo trabalho científico. É-se louco por convicção”**



n=1023-1047

Não Responde=5-30

Insuficiências dos programas de contratação

- Trajetórias de precarização e suas implicações-

- Reprodução das desigualdades sociais (dependência de redes familiares ou outras);
- Impactos da precarização:
 - Trajetórias de vida;
 - Stress e fadiga no trabalho;
 - Limitações à liberdade académica.

Se os programas de contratação

- melhoraram as condições laborais de alguns investigadores (2964 contratados);
- **não resolveram o problema da precarização na investigação científica, nem os seus impactos (172 integrados).**

Trabalho científico em Portugal: *Excelência* e precariedade

Ana Ferreira, CICS.NOVA | NOVA FCSH

Departamento de Ensino Superior e Investigação da FENPROF